

Diversidade no interior de uma língua: algumas considerações.

FLORISA de Lourdes BRITO

(O que expresso, a seguir, decorre de minha perspectiva e reflexão. Entretanto, todo texto traz ecos de muitos outros, devido a leituras e interações, cuja identificação é, muitas vezes, irrecuperável. Reservo-me o direito de não vasculhar as publicações existentes, com o intuito de verificar se outros já disseram o mesmo ou algo parecido; essa tarefa tende a ser cada vez mais desgastante, devido à proliferação de textos, com níveis de qualidade os mais variados; pois, certamente, publicação e qualidade não caminham sempre juntas; seja no âmbito acadêmico ou não, são muitas as moedas de troca. Assim, quando, e se, meu dizer coincidir com algum anterior – eu, que já tive plagiadores “reconhecidos” como originais, enquanto minha autoria foi propositalmente apagada – disponho-me a analisar e me posicionar a respeito.)

As línguas humanas, em decorrência de sua natureza (complexa como a natureza humana), tendem a abrigar uma diversidade interna: seja em relação a épocas, pois se transformam no decorrer do tempo; seja em relação a regiões, ambientes sociais, situações de comunicação e outros fatores, dentro de uma mesma época. Sobre o tema da diversidade interna às línguas, existem teorias, campos de estudo, trabalhos de pesquisa; mas o que pretendo não é citá-los, muito menos discuti-los. Interessa-me, simplesmente, expressar minha perspectiva sobre a questão.

O quanto aprecio a diversidade dos falares em suas manifestações autênticas, é o quanto me desagrada a veiculação de caricaturas grosseiras desses falares. A linguagem empregada com naturalidade flui harmoniosamente; ao passo que a imitação, encenada por quem captou apenas traços superficiais, trepida, tropeça e range. Mesmo não conhecendo a linguagem de que se trata, é possível notar a diferença entre o que é natural, ou mesmo representado com fidelidade, e o que é forjado. Cabe lembrar que ocorrem variações nas falas individuais: estilos pessoais de pronúncia, de vocabulário que se prefere ou se rejeita, e assim por diante. Portanto, se o que se pretende é retratar determinado falante (real ou fictício), é compreensível que a linguagem apresente características destoantes, em parte, daquela mais geral relativa ao contexto linguístico a que supostamente pertence. Todavia, essa caracterização particularizada não pode ser atribuída à totalidade do contexto em questão.

Se a caricatura de uma linguagem, por imitar traços sem chegar a compor um “retrato” harmonioso, contribui para a desinformação, pior ainda é quando um “pesquisador”, por falta de acuidade ou por economia de esforços, encontra (inventa?) regularidades e regras completamente equivocadas. Creio que o ideal, para descrever um linguajar, seria conhecê-lo “de dentro”. Todavia, raramente ocorre que alguém “de dentro” se proponha essa tarefa e, ainda, que tenha habilidade para desempenhá-la. Resta, pois, a alternativa do observador externo. Entretanto, o sucesso depende, no mínimo, de três elementos: que o observador seja perspicaz e criterioso o bastante, para não confundir o acidental com o usual, o que, aliás, é fundamental em qualquer pesquisa de qualquer área; que haja certa variedade de falantes, para evitar a interpretação de características individuais como sendo gerais; que o conjunto dos dados seja representativo, para evitar conclusões com base em ocorrências acidentais. Entendo que são condições difíceis de atender, mas que representam um mínimo indispensável para sustentar afirmações.

O que *provavelmente* não falta a *nenhuma* variedade de qualquer língua é uma lógica própria, sustentada por um conjunto de regras que, muitas vezes, exercem influência umas

sobre as outras, provocando uma riqueza de possibilidades não aleatórias. Digo *provavelmente*, por se tratar, não de uma comprovação mediante estudo minucioso abrangendo **todas** as variedades de **todas** as línguas – o que é irrealizável – mas de uma dedução plausível, com base na natureza da linguagem, de um modo geral. Essa lógica e esse conjunto de regras são assimilados e colocados em funcionamento na linguagem em uso. Eventualmente, consegue-se descrevê-los apropriadamente, mediante acurada observação; trata-se de um processo trabalhoso e desafiador – bem diferente do exercício natural da linguagem em questão.

Já me deparei com interpretações, supostamente baseadas em pesquisa, que apontam uma tendência a **economizar** (para não dizer, uma **preguiça, como se afirma informalmente**), como sendo a causa de formas reduzidas de certas expressões e pronúncias. Tal explicação não me parece convincente, quando constato que o mesmo “economizador”, ou “preguiçoso”, esbanja nas redundâncias e repetições. A meu ver, constatar as reduções é algo perfeitamente tangível. Por exemplo, o modo, tipicamente mineiro, de eliminar o final das palavras na fala, chama a atenção, de imediato, dos que não possuem essa característica de linguagem; sem necessidade de pesquisa nenhuma. Por outro lado, explicar o **porquê** desse hábito de linguagem – caso haja alguma razão ou finalidade para tal explicação – não é nada simples.

A existência de uma língua real não decorre da genialidade de um indivíduo ou do esforço conjunto de um grupo de autoridades ou especialistas. Tanto o que se considera língua (ou idioma) quanto o que se denomina dialeto¹, segundo certas classificações hierarquizantes, surge e evolui como resultado de interações entre os indivíduos; portanto, tem características decorrentes da realidade desses indivíduos, isto é, de seu meio, de suas atividades, de suas preferências, de suas circunstâncias. A linguagem envolve um grande número de convenções, convenientes ao seu funcionamento coletivo. Obviamente, é a partir da (s) individualidade (s) que se compõe a linguagem coletiva; mas o individual compõe a linguagem apenas na medida em que é aceito coletivamente. Portanto, voltando à questão da lógica própria referida anteriormente, trata-se de uma condição de existência da língua, a qual precisa funcionar de acordo com o meio social de que faz parte. As possibilidades de funcionamento podem variar até infinitamente, quem sabe; todavia, por mais que proliferem, nunca são aleatórias; nunca escapam à lógica própria da língua, ou já não fariam parte dessa língua.

Expressões que destoam da lógica de uma determinada variedade linguística (ou de uma língua, em termos mais amplos) são frequentes entre crianças pequenas e estrangeiros, quando ainda não assimilaram suficientemente essa lógica; mas não entre falantes nativos

¹ Existem diversos entendimentos sobre o que seja língua (ou idioma) e dialeto. Dialeto pode ser entendido como uma variedade interna de uma língua; ou como um idioma considerado menos representativo, seja pelo número de falantes, seja por questões econômicas ou políticas. **De minha parte, dispenso o termo dialeto.** No caso das variantes, cujo conjunto compõe a identidade mais ampla de um língua, adoto o termo **variedades linguísticas** ou **falares**; nos casos em que se reconhece uma identidade própria, independentemente de representatividade (quantitativa, econômica ou política), refiro-me simplesmente a **língua** ou **idioma**. No Brasil, por exemplo, há línguas indígenas com pequeno número de falantes (enquanto outras, lamentavelmente, foram extintas); cada uma delas é língua, porque não se confunde com nenhuma outra e não é parte de nenhuma outra. Quando o número de falantes e a abrangência geográfica são menores, há **menor probabilidade** de que haja variedades linguísticas, isto é, diversidade interna à língua; menor **probabilidade** de diversificação, mas não impossibilidade.

adultos. O que muitas vezes se aponta como “erro” entre os falantes adultos, são divergências que não contradizem a lógica da língua; em geral, contrariam convenções específicas a serem memorizadas, e não regras fundamentais. Além disso, inovações individuais, sejam intencionais ou acidentais, podem ser agregadas à língua, contribuindo para sua evolução; quando assumidas coletivamente.

É natural uma movimentação transformadora no idioma, no sentido de abandonar ou de adotar opções; o que não ameaça a sua existência, mas faz com que evolua à sua maneira. Ocasionalmente, ocorrem transformações tão drásticas, geralmente envolvendo outras esferas além da linguagem, que uma língua deixa de existir, sendo substituída por outra existente, ou dando origem a nova (s) língua (s). Obviamente, não existe um limite exato para se definir quando um idioma apenas se modificou e quando se transformou em outro. Trata-se de avaliações inexatas, com o intuito de categorizar e que, no fundo, não interferem na existência, funcionamento e eficiência do idioma em si. Da mesma forma, as classificações hierarquizantes que distinguem língua de dialeto nada subtraem ou acrescentam à realidade linguística em questão.

Quanto às variedades linguísticas internas, sejam relacionadas a regiões, ambientes sociais ou quaisquer outros fatores, o que as tornam parte da língua é o fato de, mesmo possuindo certo número de características específicas, enquadrarem-se na caracterização mais ampla do idioma em questão, isto é, identificarem-se com ele em termos mais gerais. Dispensando análises técnicas ou científicas, sugiro um olhar meramente intuitivo: tomemos qualquer exemplo de variedade de português do Brasil, seja uma linguagem regional, de uma capital ou de uma microrregião, urbana ou rural; seja de uma determinada comunidade urbana; seja específica de uma profissão, como advocacia ou medicina; enfim, qualquer exemplo. Compare com uma versão mais convencional de português, como a que se ensina na escola ou a que se emprega no noticiário da televisão. Analise: aquele primeiro exemplo se parece mais com esse português (mais convencional) ou se assemelha mais a outra língua: espanhol, italiano, francês, inglês, alemão... No caso dos falares fronteiriços, a tendência é haver interferências mútuas, tornando menos definível essa questão. Nos demais casos, porém, percebemos facilmente que uma variedade linguística, malgrado certo número de características específicas, porta a identidade da língua de que faz parte.

Dentro da linguagem empregada em um mesmo contexto, envolvendo um grupo de falantes, podem ser encontradas certas características que não são gerais, mas próprias de um indivíduo, ou de determinado núcleo familiar, por exemplo. Em alguns casos, pode decorrer de uma criatividade pessoal, podendo ou não exercer influência sobre os mais próximos. Em outros, porém, por meio da investigação da história pessoal ou familiar, poder-se-á localizar uma influência externa ao contexto; por exemplo, o falante cuja expressão se diferencia consideravelmente dos demais pode ter vivido durante algum tempo em outro lugar, e ter mantido traços de outro linguajar, que agora se mesclam com a linguagem atual; ou pode ter convivido, durante certo tempo, com alguém vindo de fora. Ou, ainda, pode ser que tenha contatos frequentes com outra(s) variedade (s) linguística (s), mediante leituras, viagens, e que assimile expressões, pronúncias e outras características dessa (s) outra (s) variedade (s).

O olhar do pesquisador precisa estar atento a questões como estas, para distinguir o que é de uso geral do que decorre de particularidades, e não fazer afirmações estapafúrdias sobre a variedade linguística de determinado contexto. Se, para escrever uma obra de ficção, o autor pode caracterizar personagens e ambientes como bem entender; se, para os escritos biográficos, as informações referentes a determinada pessoa não precisam combinar com as de nenhuma outra conhecida; uma pesquisa, ao contrário, deve delimitar honestamente o seu objeto e, portanto, não pode atribuir características a todo um contexto com base em informações particularizadas. Sendo tantas as condições indispensáveis a uma pesquisa autêntica sobre variedade linguística, compreende-se por que não haja muitas.

...-...-...-...-...